

# **Restrições morfossintáticas em função de traços aspectuais semânticos no português brasileiro**

## **Morphosyntactic restrictions based on semantic aspectual features in Brazilian Portuguese**

Jean Carlos da Silva Gomes\*

### **RESUMO**

Uma das estratégias empregadas na classificação aspectual semântica dos verbos consiste na investigação das restrições morfossintáticas impostas por determinados traços. Apesar da recorrente proposição de testes para diferenciação dos tipos de verbo presentes na literatura, raramente, são formulados materiais que visam sumarizar as estratégias elaboradas pelos autores. Sendo assim, neste trabalho, sistematizam-se as restrições morfossintáticas impostas pelos traços de estatividade, pontualidade e telicidade aplicáveis ao português brasileiro a fim de contribuir para a classificação dos tipos de verbo em investigações realizadas na interface entre semântica e morfossintaxe. Os resultados evidenciam a relevância de considerar simultaneamente informações de ambos os níveis na categorização dos verbos. Considera-se que os dados revisados contribuem para o refinamento dos critérios diagnósticos da aspectualidade verbal no português e para a delimitação teórica precisa dos tipos de verbo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aspectualidade; Semântica; Morfossintaxe; Tipos de Verbo; Traços aspectuais.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2026n71.1495>

\* Universidade Estadual de Campinas, [jeancar@unicamp.br](mailto:jeancar@unicamp.br), <https://orcid.org/0000-0002-4022-0580>

#### ABSTRACT

One of the strategies employed in the semantic aspectual classification of verbs involves investigating the morphosyntactic constraints imposed by certain features. Despite the frequent proposal of tests to differentiate verb types in the literature, materials aimed at summarizing the strategies developed by authors are rarely formulated. Therefore, this work systematizes the morphosyntactic constraints imposed by the features of stativity, punctuality, and telicity applicable to Brazilian Portuguese, aiming to contribute to the classification of verb types in investigations conducted at the interface between semantics and morphosyntax. The results demonstrate the relevance of simultaneously considering information from both levels in the categorization of verbs. The reviewed data contribute to the refinement of the diagnostic criteria for verbal aspectuality in Portuguese and to the precise theoretical delimitation of verb types.

**KEYWORDS:** Aspectuality; Semantics; Morphosyntax; Verb Types; Aspectual features.

## Introdução

A temporalidade da situação pode ser expressa em, pelo menos, dois níveis. Nessa direção, Costa (2002) propõe que um dos níveis configura-se como a temporalidade externa, aquela que situa o fato em uma linha temporal, e o outro o da temporalidade interna, que trata a situação como passível de conter frações de tempo existentes dentro de seus limites. Esses conceitos são, respectivamente, nomeados como tempo e aspecto.

Tempo diz respeito à gramaticalização da localização dos eventos no tempo do mundo físico (Comrie, 1985), enquanto aspecto refere-se às diferentes maneiras de se visualizar a constituição temporal interna de uma situação (Comrie, 1976). Ainda que tempo e aspecto não se configurem de um sistema único e sejam conceptualmente diferentes, apresentam uma interação bastante extensiva (Moen, 1987; Hornstein, 1990) e podem ser concebidos como categorias temporais por terem como referência o tempo físico (Smith, 1991).

Compreendendo que, para além dos valores temporais básicos (presente, passado e futuro), outros fatores relacionados à temporalidade dos verbos também pareciam relevantes na construção morfossintática das sentenças, Vendler (1967) comparou o comportamento de verbos na língua inglesa e propôs uma classificação com base em valores aspectuais semânticos. Desde então, a investigação sobre o aspecto semântico e os tipos de verbo encontrou importante lugar na interface entre sintaxe e semântica.

O estudo dos tipos de verbo elaborado por Vendler (1967) pautou-se em restrições morfossintáticas, que envolviam, por exemplo, a possibilidade de utilização desses verbos com morfologias verbais específicas e sua associação a determinados adjuntos na sentença. Se, por um lado, Vendler (1967) debruçou-se sobre os dados e elaborou uma classificação para os verbos, por outro, o caminho de análise sintático-semântica atual adota tal classificação como pressuposto teórico e a utiliza na curadoria dos dados linguísticos. Esse caminho, por vezes, culmina no surgimento de dúvidas de análise. Por exemplo, ao investigar a ocorrência “Marcelo lembrou da data de aniversário de sua mãe”, um pesquisador pode elaborar a seguinte pergunta: “lembrar” configura-se como um verbo estativo, já que não é preciso um gasto de energia para que a situação ocorra, ou como um verbo pontual, já que o ato de lembrar é algo instantâneo?

Diante disso, alguns autores, como Dowty (1979), buscaram elencar um conjunto de testes que visavam contribuir com a análise dos verbos em sua classificação aspectual semântica. Ainda assim, os dados referentes ao comportamento dos verbos em língua portuguesa são encontrados em pesquisas independentes, carecendo, assim, de uma sistematização desses achados.

Nessa direção, busca-se, com este trabalho, reunir postulações presentes na literatura que versam sobre restrições morfossintáticas impostas por valores aspectuais semânticos que sejam aplicáveis à língua portuguesa em sua variedade brasileira. Mais especificamente, tomam-se como base, na exposição dos dados, os valores de estatividade, pontualidade e telicidade,

descritos em Comrie (1976). Espera-se que a revisão elaborada aqui permita que diversos investigadores da área de interface entre sintaxe e semântica refinem seus construtos teóricos a partir das restrições relatadas.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, discorre-se sobre o aspecto semântico; na segunda, abordam-se as restrições morfossintáticas para o traço aspectual semântico de estatividade; na terceira, para o traço de pontualidade; na quarta, para o traço de telicidade; e, por fim, apresentam-se as considerações finais deste estudo.

## 1. Aspecto semântico

A categoria linguística de aspecto exerce um papel fundamental no entendimento da temporalidade das situações, uma vez que diz respeito ao modo como as situações se desenvolvem no tempo (Smith, 1991). No entanto, ainda que carregue uma dimensão temporal, o aspecto não se refere à localização no tempo, mas sim ao domínio semântico da estrutura interna das situações e de sua forma de apresentação linguística.

Para Castilho (1968), o aspecto pode ser compreendido como uma representação espacial do processo, que constitui “a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento” (p. 14). Nessa direção, o aspecto configura-se como uma categoria de natureza léxico-sintática, dado que sua expressão envolve tanto a raiz verbal quanto diferentes constituintes sintáticos presentes na oração.

Levando em consideração as formas de expressão linguística de informações aspectuais, divide-se o aspecto em dois tipos: gramatical e semântico.<sup>1</sup> O primeiro refere-se à apresentação de marcas temporais relativas

---

1 Apesar de alguns autores compreenderem que a categoria referenciada possa ser nomeada como “aspecto lexical”, visto que, por muito tempo, defendeu-se que os traços que a subjazem encontram-se alocados na raiz dos verbos, alguns autores como Gomes e Martins (2020) assinalam que tal termo não é suficientemente claro, visto que as informações de estatividade/dinamicidade, pontualidade/duratividade e telicidade/atelicidade parecem

ao evento por meio de uma morfologia ou sintaxe específica (Bertucci, 2016). Em diversas línguas, o aspecto gramatical é comumente expresso através da flexão verbal ou certos advérbios e expressões adverbiais (Comrie, 1976; Cinque, 1999; Nespoli, 2018). Um exemplo típico de marcação aspectual gramatical é a oposição entre os valores de perfectivo e imperfectivo, a qual pode ser observada, no português, pela flexão, como ilustrado nos exemplos (1) e (2).

(1) Pedro comeu sanduíche.

(2) Pedro comia sanduíche.

Em ambos os exemplos, veicula-se a informação temporal de passado, residindo a diferença entre eles especificamente na informação de aspecto gramatical. No exemplo (1), verifica-se o valor de perfectivo, que corresponde à concepção de um evento em sua totalidade, sem segmentação de suas fases constituintes (Comrie, 1976), recobrando a situação em completude e incluindo seus limites inicial e final (Smith, 1991). No exemplo (2), por sua vez, expressa-se o valor de imperfectivo, que permite a focalização da estrutura interna do evento com destaque em, ao menos, uma de suas fases (Comrie, 1976), focalizando apenas uma parte do evento sem incluir explicitamente seus limites de início e fim (Smith, 1991).

Diferentemente do aspecto gramatical, o aspecto semântico diz respeito à apresentação de noções temporais relativas à forma como as línguas expressam os eventos do mundo no léxico ou em sintagmas, sem, necessariamente, apoiar-se em morfologia e sintaxe específicas (Bertucci, 2016). De acordo com Comrie (1976), o aspecto semântico é expresso pelos itens lexicais presentes na sentença, tais como a raiz verbal, os argumentos e/ou os adjuntos.

---

estabelecer-se por meio da composicionalidade, envolvendo a interação entre os demais itens que compõem a sentença. Sendo assim, seria mais adequado supor que o termo “aspecto semântico” abarca as demais relações que envolvem a construção do valor aspectual de tal natureza na oração.

A esse respeito, Comrie (1976) propõe três oposições fundamentais no domínio do aspecto semântico: estatividade *versus* dinamicidade, pontualidade *versus* duratividade e telicidade *versus* atelicidade. Em relação à primeira oposição, Comrie (1976) afirma que um evento estático é aquele que não requer um fornecimento de energia para sua realização, como no exemplo em (3), enquanto um evento dinâmico exige um fornecimento de energia para que ocorra, como no exemplo em (4). Moens (1987) assinala que a diferenciação entre situações estativas e não estativas configura-se como uma oposição aspectual básica.

(3) João ama doces.

(4) João come doces.

Em relação à segunda oposição, o autor afirma que um evento pontual é aquele que retrata uma situação que não possui duração interna ou que são concebidas como não duradouras por um período de tempo, como observado no exemplo em (5); em oposição, um evento durativo é aquele que dura por certo período de tempo, como no exemplo em (6).

(5) Maria encontrou uma carta.

(6) Maria procurou uma carta.

Em relação à última oposição, Comrie (1976) afirma que um evento télico é aquele que apresenta um ponto final inerente delimitado linguisticamente na sentença, como no exemplo em (7), enquanto um evento atélico é aquele que não apresenta um ponto final delimitado linguisticamente, como no exemplo em (8).

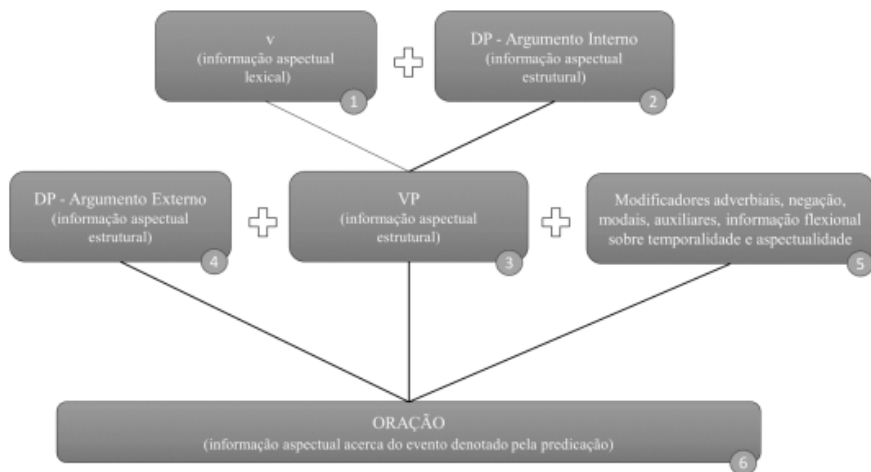
(7) João escreveu uma carta.

(8) João escreveu cartas.

O valor aspectual semântico de uma sentença é construído composicionalmente e, portanto, depende da contribuição de múltiplos fatores presentes na oração (Moens, 1987). Nessa direção, De Miguel (1999) elaborou

um esquema que sintetiza a contribuição dos distintos elementos presentes na oração e a ordem de interferência que apresentam na interpretação aspectual distribuída em seis fases, conforme ilustrado na Figura 1, a seguir.

Figura 1 - Ordem de interferência dos elementos na construção do valor aspectual semântico da sentença.



Fonte: Adaptado de De Miguel (1999, p. 3007).

No referido esquema, observa-se que a informação aspectual parte da raiz verbal, representada pela sigla “v” (fase 1), sendo combinada com a informação expressa pelo sintagma determinante que complementa o verbo, representado pela sigla “DP - Argumento Interno” (fase 2), resultando em um valor aspectual mais complexo associado ao sintagma verbal, representado pela sigla “VP” (fase 3). Essa configuração articula-se à informação proveniente do sintagma determinante sujeito, representado pela sigla “DP - Argumento Externo” (fase 4), que é influenciada tanto pelo tipo de nome quanto pela presença ou ausência de determinantes. Além disso, esse conjunto de informações pode ainda ser modificado por elementos adicionais, como a flexão verbal, verbos auxiliares, modais, negação e advérbios com

valor temporoaspectual (fase 5), contribuindo, em última instância, para a constituição do valor aspectual total da sentença (fase 6).

Tendo em mente a contribuição dos itens presentes na sentença para a construção do seu valor aspectual, alguns autores dedicaram-se a classificar os verbos segundo informações concernentes à sua temporalidade interna. Com base nas oposições aspectuais semânticas descritas por Comrie (1976) e na classificação de verbos elaborada por Vendler (1967), Smith (1991) elaborou uma tipologia de verbos levando em consideração traços aspectuais semânticos, dividindo-os em estados, atividades, *accomplishments*, *achievements* e semelfactivos,<sup>2</sup> tal como ilustrado no quadro 1, a seguir.

Quadro 1 - Tipos de verbo segundo Smith (1991).

|                        | Dinâmico | Durativo | Télico   |
|------------------------|----------|----------|----------|
| <b>Estados</b>         | [-]      | [+]      | //////// |
| <b>Atividades</b>      | [+]      | [+]      | [-]      |
| <b>Accomplishments</b> | [+]      | [+]      | [+]      |
| <b>Achievements</b>    | [+]      | [-]      | [+]      |
| <b>Semelfactivos</b>   | [+]      | [-]      | [-]      |

Fonte: Adaptado de Smith (1991, p. 20).

Nessa direção, um verbo de estado, como “amar”, é aquele que apresenta os traços [-dinâmico] e [+durativo], visto que o traço de telicidade não se aplica a esse tipo de verbo. A classe de atividades, que inclui verbos como “correr”, apresenta os traços [+dinâmico], [+durativo] e [-télico], diferindo-se do primeiro, principalmente, pelo traço de dinamicidade. Os verbos do tipo *accomplishments*, como “comer a maçã”, apresentam os traços

2 Em alguns trabalhos publicados em língua portuguesa, os três últimos tipos de verbo listados também são nomeados, respectivamente, como processos culminados, culminações (Martins, 2006) e pontos (Oliveira, 2003).



[+dinâmico], [+durativo] e [+télico], diferindo-se do anterior pelo valor de telicidade. Verbos do tipo *achievements*, como “achar a chave”, carregam os traços [+dinâmico], [-durativo], [+télico], diferindo-se do anterior pelo traço de pontualidade. Por fim, os semelfactivos, como “bater na porta”, carregam os traços [+dinâmico], [-durativo], [-télico], diferindo-se dos *achievements* pelo traço de telicidade.

As classificações para os verbos com base em valores aspectuais semânticos, em diversas línguas, encontram respaldo em restrições morfossintáticas impostas por determinados traços de tal natureza (Vendler, 1967; Dowty, 1979; Smith, 1991; Verkuyl, 1993). Sendo assim, nas próximas seções, busca-se relatar algumas dessas restrições com base nos valores semânticos de estatividade, pontualidade e telicidade, com destaque em sua aplicação no português brasileiro.

## 2. Restrições morfossintáticas para estatividade

Nesta seção, abordam-se as restrições de natureza morfossintática relativas aos verbos estativos. Vale destacar que, em virtude da heterogeneidade dessa classe de verbos, as discussões sobre os estados frequentemente fundamentam-se em propostas que contenham subclassificações internas (Cunha, 1998; Bertucci, 2015).<sup>3</sup> Por essa razão, ao longo desta seção, sempre

---

3 Na classificação dos verbos de estado, encontra-se, entre as proposições dos distintos autores, uma variedade conceitual e quantitativa de subclasses, bem como de critérios utilizados para diferenciá-los. A nível de exemplificação, recuperam-se as propostas de Sanz e Laka (2002) e Duarte e Brito (2003). Para os primeiros autores, os estados dividem-se entre aqueles caracterizados por apresentarem uma propriedade individual (“saber matemática”) ou uma propriedade temporal (“estar cansado”). Por outro lado, para Duarte e Brito (2003), os estados dividem-se em existenciais (“existir”), locativos (“morar”), epistêmicos (“conhecer”), perceptivos (“ver”), psicológicos (“gostar”) e copulativos (“ser”). Neste trabalho, não se restringe a análise a uma classificação específica. Em contrapartida, busca-se identificar como os autores, ainda que baseados em premissas diferentes, descreveram e analisaram o comportamento dos estativos no português brasileiro.

que necessário, retomam-se classificações que segmentam os verbos estativos em subconjuntos, para explicar as restrições relatadas.

Um dos temas centrais recorrentes na literatura diz respeito à compatibilidade entre os verbos estativos e a morfologia progressiva. Guimarães (2017) observa que, durante muito tempo, essa combinação foi considerada impossível. Contudo, os dados empíricos do português brasileiro parecem contradizer tal generalização. Vejamos os exemplos de (9) a (12), extraídos de Bertucci e Lunguinho (2013, p. 145):

(9) \*Maria está tendo olhos verdes.

(10) \*Maria está sendo alta.

(11) Maria está tendo febre.

(12) Maria está sendo chata.

Como se pode verificar, as sentenças (9) e (10) são agramaticais, ao passo que (11) e (12) são gramaticais. As explicações para esse contraste variam entre os autores. Para compreender uma delas, toma-se como base a proposta de Cunha (1998), amplamente adotada na literatura, que diferenciava os estados em [+faseáveis] e [-faseáveis]. Bertucci e Lunguinho (2013), adotando essa classificação, explicam que os estados [+faseáveis] compartilham propriedades com as atividades e, por isso, podem ocorrer com a morfologia progressiva, já os [-faseáveis] não permitem tal combinação.<sup>4</sup>

Segundo Cunha (1998) e Bittencourt (2015), a impossibilidade de associação com a morfologia progressiva nos estados [-faseáveis] decorre de propriedades internas e composicionais que inviabilizam a leitura de transição de fases na situação descrita. Assim, a presença da morfologia progressiva nesse contexto seria redundante e pouco econômica, resultando em agramaticalidade.

---

4 De acordo com Oliveira (2003, p.137), essa incompatibilidade reflete-se também na morfologia progressiva utilizada no português europeu, aquela formada por “estar” + preposição “a” + verbo principal no infinitivo, como no exemplo “\*A Rita está a ser alta”.

Em outra abordagem, Basso e Ilari (2004) propõem uma classificação tripartida dos verbos em tipicamente estativos, não-tipicamente estativos e não-estativos, com base nos traços  $[\pm\text{mudança}]$  e  $[\pm\text{controle}]$ , conforme representado no quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Verbos de estado, segundo Basso e Ilari (2004).

|                   | <b>[-controle]</b>                          | <b>[+controle]</b>                            |
|-------------------|---------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| <b>[-mudança]</b> | tipicamente estativos<br>("ser alto")       | não-tipicamente estativos<br>("ser bonzinho") |
| <b>[+mudança]</b> | não-tipicamente estativos<br>("ficar alto") | não-estativos<br>("fazer bondades")           |

Fonte: Adaptado de Basso e Ilari (2004, p. 24).

Para esses autores, os verbos tipicamente estativos, isto é, com traços  $[-\text{mudança}]$  e  $[-\text{controle}]$ , não são compatíveis com a morfologia progressiva. Desse modo, os exemplos abaixo, extraídos de Basso e Ilari (2004, p. 18), têm sua gramaticalidade colocada em dúvida:

(13) (?) Rio Claro está se localizando no interior de São Paulo.

(14) (?) O livro do Gênesis está pertencendo ao Pentateuco.

Gonçalves (2004), ao tratar de perífrases progressivas envolvendo verbos estativos, sustenta que tais estruturas não são capazes de converter a interpretação desses verbos em processos. Como evidência dessa posição, o autor menciona a incompatibilidade de tais construções com certos advérbios, como demonstram os exemplos de (15) a (17), extraídos de Gonçalves (2004, p. 146):

(15) \*Às vezes, Maria está amando o João.

(16) \*De vez em quando, ele está morando no Chile.

(17) \*Vez ou outra, Pedro está entendendo o problema.

Outra limitação dos verbos estativos refere-se à sua incompatibilidade com a forma verbal imperativa, como observam Cunha (2004) e Basso e Ilari (2004). Veja-se, por exemplo, os casos a seguir, extraídos de Cunha (2004, p. 21):

(18) \*João, sê alto!

(19) \*Ligia, sabe francês!

Basso e Ilari (2004) explicam essas restrições retomando os traços [ $\pm$ mudança] e [ $\pm$ controle]. Segundo os autores, apenas verbos com [+controle] admitem tal estrutura, como ilustram os exemplos (20) e (21), ao contrário do que ocorre em (22) e (23), extraídos de Basso e Ilari (2004, p. 21). A diferença, segundo os autores, reside no traço [ $\pm$ controle]. Nas sentenças (20) e (21), o experienciador do estado pode exercer controle consciente sobre a ação, enquanto, em (22) e (23), esse controle não é viável.

(20) Fique quieto!

(21) Seja bonzinho!

(22) (?) Seja magro!

(23) (?) Seja alto!

Cançado (1995) e Chierchia (2003) ressaltam que verbos de estado não são compatíveis com a locução “em X tempo”, como demonstram os exemplos (24) e (25), extraídos de Cançado (1995, p. 31) e Chierchia (2003, p. 497), respectivamente. Para Chierchia (2003), essa locução mede a duração de um evento até seu ponto culminante, o que não se aplica a estados.

(24) \*João teme o cachorro em uma hora.

(25) \*Léo amou Eva em muitos anos.

Basso e Ilari (2004) também observam que predicados genuinamente estativos (com os traços de [-mudança] e [-controle]) não aceitam adjuntos temporais que respondem à pergunta “por quanto tempo?”, como se vê nos exemplos de (26) a (30), extraídos de Basso e Ilari (2004, p. 16, 23-24):

- (26) \*João era / é natural de Itu durante todo ano passado.
- (27) \*João acha que o mundo era / é bom pela manhã toda.
- (28) \*João está baixo esta tarde.
- (29) \*João é baixo desde o último verão.
- (30) \*João esteve baixo por muitos anos.

Corroborando essa perspectiva, Santiago (2017) observa que certos verbos de estado não se compatibilizam com determinadas expressões, sejam durativas ou de localização temporal, como ilustram os exemplos de (31) a (34), extraídos de Santiago (2017, p. 70):

- (31) \*Meire foi alta / brasileira às 10h.
- (32) \*Meire foi alta / brasileira em (durante) duas horas.
- (33) \*Meire foi alta por seis meses.
- (34) Meire foi brasileira durante seis meses.

Com base em outra classificação de verbos de estado, a que os difere entre *stage level* e *individual level* (Carlson, 1977; Dowty, 1986; Kratzer, 1995), Santiago (2017) sustenta que a aceitabilidade da sentença (34) deve-se à possibilidade de uma leitura eventiva (*stage level*) do predicado “ser brasileira”, enquanto, nas demais, a leitura *individual level* predomina, resultando em agramaticalidade.

Vendler (1967) e Dowty (1979) notam, ainda, que verbos estativos não podem ocorrer com advérbios como “deliberadamente” e “cuidadosamente”, como ilustrado em (35) e (36), a seguir:

- (35) \*João deliberadamente soube a resposta.
- (36) \*João cuidadosamente soube a resposta.

Além disso, como apontam diversos autores (Dowty, 1979; Lamiroy, 1987; Bertucci; Lunguinho; Paraguassú, 2010; Bertucci; Lunguinho, 2013; Nascimento; Rech, 2015), verbos estativos não podem ocorrer com certos verbos aspectuais, como “começar a”, “continuar a”, “parar de”, “deixar de”, “acabar de” e “terminar de”. Veja-se:

(37) \*José começou a / continuou a / parou de / deixou de / acabou de / terminou de ter olhos verdes / ter dois filhos / ser pai de Felipe.

(38) \*Siena começou a / continuou a / parou de / deixou de / acabou de / terminou de localizar-se na Itália.

Nascimento e Rech (2015) atribuem essa restrição à incompatibilidade dos estativos com os traços [+fase] e [+télico]. No entanto, as autoras observam que, em contextos apropriados, os estativos podem ocorrer com verbos [-fase], como “começar” e “continuar”, quando há marcas de início ou continuidade de um novo estado, por exemplo em (39) e (40):

(39) Ela começou a morar sozinha e precisou aprender a lidar com os problemas e dúvidas do dia a dia.

(40) O médico passou uma medicação, mas a menina continuou a ter febre alta.

Predicados não-tipicamente estativos como “ser gordo”, “ser criança”, “ser magro”, “ser médico” ou “ser casado” apresentam [+mudança], mas mantêm o traço [-fase], conforme descrito por Cunha (2005), que os classifica como *stage level* não-faseáveis. Esses predicados admitem, por exemplo, “deixar de”, mas não “parar de”, como ilustrado em (41) e (42):

(41) O gordo deixou de ser gordo para ter uma “forma física alternativa”.

(42) \*O gordo parou de ser gordo para ter uma “forma física alternativa”.

Bastos (2004) observa que verbos de estado não podem figurar como complementos de verbos de percepção, como em (43). Lakoff (1965), Dowty (1979) e Cunha (2004) ressaltam também que predicados *individual level* não são aceitos em pseudoclivadas, como em (44) e (45), diferentemente dos *stage level*, como ilustrado em (46) e (47).

(43) \*Eu vi Maria [saber inglês].

(44) \*O que o João fez foi ser alto.

(45) \*O que a Lígia fez foi saber francês.

(46) O que o Jorge fez foi ser presidente da república.

(47) O que a Maria fez foi ser simpática com os colegas.

Cançado (1995) observa que a ocorrência em construções causativas encabeçadas<sup>5</sup> está condicionada à possibilidade de interpretação de que o argumento externo possa ter algum controle sobre a ação, tal como ilustrado nos exemplos (48) e (49). Em contrapartida, verbos de estado sem tal controle permitido, ou seja, [-controle], não podem figurar em tal construção, como ilustrado em (50) e (51), todos exemplos extraídos de Cançado (1995, p.168-169).

(48) Paulo fez José temer o cachorro.

(49) O tenente fez a polícia acalmar a multidão.

(50) \*De hoje em diante eu vou parar de possuir/ter uma fazenda.

(51) \*O que ele fez foi possuir/ter uma fazenda.

Adicionalmente, verifica-se que verbos estativos [-controle] não são compatíveis com a voz passiva, como demonstram os exemplos (52) e (53), extraídos de Cançado (1995, p. 88-89), e o exemplo (54), extraído de Moreira (2000, p. 65).

(52) Ativa: A elaboração desta tese me custou alguns anos de esforço.

Passiva: \*Alguns anos de esforço me foram custados pela elaboração desta tese.

(53) Ativa: O fazendeiro tem/possui cem alqueires de terra cultivável.

Passiva: \*Cem alqueires de terra cultivável são tidos/possuídos pelo fazendeiro.

---

5 Uma oração causativa envolve dois verbos: um causativo, como “fazer”, “mandar”, “deixar” etc, e um lexical, que expressa a ação causada. Em “João fez Maria chorar”, há dois eventos, o primeiro configura-se como a causação (João causa algo) e o segundo, o resultado (Maria chora). Em termos sintáticos, dizer que uma construção é encabeçada significa que um elemento específico funciona como o núcleo sintático da estrutura. Então, em uma construção causativa encabeçada, o verbo causativo é o núcleo do sintagma verbal e seleciona como complemento uma oração subordinada, geralmente infinitiva, que expressa o evento causado.

(54) \*Vários carros antigos são possuídos por Paulo.

Por fim, Scher (2005), ao investigar construções com o verbo leve “dar”, demonstra que os estativos não se encaixam nesse tipo de estrutura, tal como ilustrado de (55) a (58), a seguir.

(55) Bruno acreditou no que o pai disse / \*Bruno deu uma acreditada no que o pai disse.

(56) As mães amaram seus filhos desde o nascimento deles / \*As mães dão uma amada em seus filhos desde o nascimento deles.

(57) A Maria soube o que fazer. / \*A Maria deu uma sabida no que fazer.

(58) A Maria gostou do João. / \*A Maria deu uma gostada do João.

Na próxima seção deste artigo, apresentam-se as restrições morfossintáticas impostas pelo traço aspectual semântico de pontualidade.

### 3. Restrições morfossintáticas para pontualidade

Se, por um lado, observam-se diversas restrições morfossintáticas para os verbos de estado no português brasileiro, por outro, esse quantitativo é bem menor no caso do valor aspectual semântico de pontualidade. Estas, por sua vez, atrelam-se, principalmente, a incompatibilidades com certos adjuntos e verbos aspectuais, como se discorre ao longo desta seção.

De acordo com Chierchia (2003), verbos pontuais não admitem coocorrência com a expressão adverbial “por x tempo”, conforme demonstrado no exemplo (59). Segundo Martins, Gomes e Lourençoni (2017), tal expressão pode ser caracterizada como um adverbial durativo, funcionando semanticamente como equivalente a “durante x tempo”. De modo convergente, Godoi (1992) também enfatiza a incompatibilidade entre verbos classificados como *achievements* e a referida expressão durativa, como se pode observar em (60), exemplo extraído de sua obra (p. 160).

(59) \*Léo engoliu a bala por uma hora.

(60) \*João estava achando a solução durante uma hora.



Diversos autores, como Rothstein (2004), Bertucci, Lunguinho e Paraguassu (2010) e Nascimento e Rech (2015), chamam atenção para o fato de que os verbos de *achievement* não se combinam com verbos aspectuais. As sentenças em (61), extraída de Nascimento e Rech (2015, p. 209), (62) e (63), extraídas de Bertucci, Lunguinho e Paraguassu (2010, p. 129), ilustram a impossibilidade de tal associação:

(61) \*Fábio começou a / continuou a / parou de / deixou de / acabou de / terminou de morrer / chegar / entrar no escritório.

(62) \*O convidado parou de chegar.

(63) \*O convidado continua chegando.

Bastos (2004) observa que, embora os verbos estativos não possam atuar como complemento de verbos de percepção, a possibilidade dessa combinação no caso dos *achievements* ainda não é clara. Assim, o autor considera duvidosa a gramaticalidade da sentença apresentada em (64), extraída de Bastos (2004, p. 50).

(64) ?Eu vi a Maria notar a foto.

Piñón (1997) argumenta que verbos do tipo *achievement* não são compatíveis com advérbios que indicam a realização parcial da eventualidade descrita, como, por exemplo, “parcialmente”. A razão, segundo o autor, reside no fato de que os *achievements* denotam eventualidades instantâneas, desprovidas de estrutura interna que permita fracionamento. Dessa forma, nenhuma fase intermediária da realização pode ser gramaticalmente expressa. Essa restrição é ilustrada nas sentenças de (65) a (68), traduzidas de Piñón (1997, p. 5).

(65) \*Rebecca parcialmente alcançou o cume.

(66) \*Anita parcialmente reconheceu Peter.

(67) \*Astrid venceu parcialmente a corrida.

(68) \*O paciente morreu parcialmente.

Além disso, Piñón (1997) observa a incompatibilidade entre *achievements* e advérbios que atribuem ao sujeito uma participação intencional ou consciente na realização da eventualidade. Dentre esses advérbios, incluem-se: “intencionalmente”, “atentamente”, “conscientemente”, “estudiosamente” e “vigilantemente”. Os exemplos de (69) a (71), extraídos e traduzidos de Piñón (1997, p. 6), evidenciam essa impossibilidade combinatória:

(69) \*Rebecca intencionalmente (atentamente, conscientemente, estudiosamente, diligentemente) chegou ao cume.

(70) \*Anita intencionalmente (atentamente, conscientemente, estudiosamente, diligentemente) reconheceu Peter.

(71) \*Astrid chegou intencionalmente (atentamente, conscientemente, estudiosamente, diligentemente).

O autor ressalta que, embora seja possível atribuir intencionalidade às ações preparatórias que antecedem a culminação do evento, tal traço não pode ser imputado ao evento culminante em si. Assim, no caso do exemplo (69), embora seja plausível supor que Rebecca tenha agido com intenção para alcançar o cume, o próprio evento de “chegar” não comporta essa qualificação intencional. Da mesma forma, em (70), mesmo que Anita possa ter realizado ações conscientes com vistas a reconhecer Peter, o ato de “reconhecer” em si não admite essa caracterização.<sup>6</sup>

---

6 Uma sentença como “O preso engoliu intencionalmente a chave” é considerada gramatical no português brasileiro, diferentemente do observado na descrição de Piñón (1997). No entanto, é preciso analisar tal dado com maior acurácia compreendendo uma modificação na interpretação das propriedades aspectuais da situação. Em geral, advérbios de controle ou maneira, como “deliberadamente”, “cuidadosamente” e “intencionalmente”, requerem duração ou um processo para modificar. Como “engolir” é um *achievement*, não há um processo para modificar. No entanto, combinado a verbos de *achievement* que são volitivos (ou seja, que envolvem a vontade do agente), o advérbio “intencionalmente” conecta-se ao agente e à ação imediata que culmina no *achievement*, e não ao processo em si. Em outras palavras, declara-se que a intenção do agente era que o resultado instantâneo ocorresse. Nessa direção, a frase em questão significa: “A decisão de fazer o ato de engolir partiu da sua vontade deliberada”.

Na próxima seção deste artigo, apresentam-se as restrições morfossintáticas impostas pelo traço aspectual semântico de telicidade.

#### 4. Restrições morfossintáticas para telicidade

Assim como a pontualidade, a categoria de telicidade revela um quadro ainda mais limitado no que se refere às restrições morfossintáticas no português brasileiro. Esse cenário parece refletir a própria natureza da telicidade enquanto traço aspectual semântico. Segundo apontam Ramchand (2008), Rothstein (2008) e Gomes (2022), a telicidade constitui uma propriedade aspectual semanticamente distinta das demais.

Enquanto a estatividade e a pontualidade podem ser determinados, em muitos casos, a partir das informações lexicais contidas na raiz verbal, a telicidade não decorre exclusivamente dessa informação, exigindo, no português, a presença de outros elementos linguísticos para sua realização, como a delimitação do complemento verbal ou a presença de sintagmas preposicionais delimitadores (Wachowicz, 2008; Lourençoni, 2014).

Entre as restrições usualmente associadas ao valor de telicidade, encontra-se a compatibilidade com expressões adverbiais do tipo “em x tempo” e “por x tempo”. Essa linha de análise tem origem na proposta de Declerck (1979), formulada a partir do inglês, e amplamente estendida para o estudo do aspecto em diferentes línguas, incluindo o português. Conforme essa proposta, eventualidades télicas são compatíveis com “em x tempo”, como em (72), enquanto as atélicas combinam-se com “por x tempo”, como em (73). A associação cruzada seria, portanto, agramatical, como em (74) em que se combina um evento télico com “por x tempo” e em (75) em que há a combinação de um evento atlético com “em x tempo”. Os exemplos apresentados foram extraídos de Gomes e Sánchez-Mendes (2018, p. 130-131).

(72) João desenhou o círculo em duas horas.

(73) João correu por duas horas.

(74) \*João desenhou o círculo por duas horas.

(75) \*João correu em duas horas.

Contudo, Basso (2011), ao examinar tais construções no português, propõe que sentenças originalmente télicas podem, sim, ocorrer com “por x tempo”, assim como sentenças atélicas podem combinar-se com “em x tempo”, porém, tais associações produzem interpretações específicas. O autor argumenta que essas leituras decorrem da interação entre a telicidade e os traços de aspecto gramatical, notadamente, a distinção entre perfectivo e imperfectivo.

No caso de eventos perfectivos télicos, a combinação com “por x tempo” resulta no processo de detelicização, sugerindo que o *télos* não foi alcançado, uma vez que o adjunto introduz um ponto arbitrário do início do evento e leva à conclusão de que a situação não terminou. Isso pode ser observado no exemplo (76), extraído de Basso (2011, p. 118).

(76) João construiu a casa por um ano.

Por outro lado, quando se combinam eventos perfectivos atélicos com a expressão “em x tempo”, desenvolve-se uma leitura incoativa, isto é, que marca o início do evento, como demonstrado em (77), exemplo extraído de Basso (2011, p. 117). O autor apresenta um contexto discursivo no qual tal leitura é plenamente natural, ilustrado em (78):

(77) João teve dor de cabeça em dez minutos.

(78) João detesta reunião da sua empresa, sempre que tem uma reunião ele acaba ficando com dor de cabeça. Na última reunião não foi diferente, depois que a reunião começou, João teve dor de cabeça em 10 minutos.

No que tange às formas verbais no imperfectivo, Basso (2011) observa que, independentemente da telicidade do verbo, a combinação com “em x tempo” produz uma interpretação genérica ou habitual. Essa leitura está presente tanto em eventos atélicos, como em (79), quanto télicos, como em (80).

(79) João estava correndo em uma hora.

(80) João estava ganhando a corrida em 35 minutos.

A combinação de eventos imperfectivos com “por x tempo”, tanto télicos quanto atélicos, por sua vez, tende a gerar uma leitura de ponto de focalização ou de referência temporal, como ilustrado nos exemplos (81) e (82), extraídos de Basso (2011, p. 117).

(81) João estava correndo por uma hora.

(82) João estava ganhando a corrida por 35 minutos.

Uma sistematização da proposta de Basso (2011) pode ser observada no quadro 3, a seguir.

Quadro 3 - Proposta de Basso (2011) para interpretação dos adjuntos “em x tempo” e “por x tempo”.

| <b>Informação aspectual gramatical na flexão verbal</b> | <b>Combinação entre eventos e expressões adverbiais</b>   | <b>Leitura evocada da sentença</b> |
|---------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|------------------------------------|
| Perfectivo                                              | Télico + “por x tempo”<br>(comeu a maçã por três minutos) | Detelicização                      |
|                                                         | Atélico + “em x tempo”<br>(comeu maçãs em três minutos)   | Incoativo                          |
| Imperfectivo                                            | Télico + “em x tempo”<br>(comia a maçã em três minutos)   | Habitual / Genérico                |
|                                                         | Atélico + “por x tempo”<br>(comia maçãs por três minutos) | Ponto de focalização               |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Outra restrição pertinente ao valor de telicidade é discutida por Gomes e Sánchez-Mendes (2018), que, com base em Vendler (1967), argumentam que apenas sentenças télicas são compatíveis com a locução verbal aspectual “terminar de”. Em contrapartida, quando essa expressão ocorre com predicados atélicos, a gramaticalidade é posta em dúvida, como

demonstrado nos exemplos (83) e (84), extraídos de Gomes e Sánchez-Mendes (2018, p. 130):

(83) Ele terminou de desenhar o círculo.

(84) ?Ele terminou de desenhar círculos.

Por fim, outra restrição relacionada à telicidade diz respeito à possibilidade de certos verbos figurarem em construções com o verbo leve “dar”. Scher (2005), ao introduzir o conceito de telicidade intrínseca, distingue *accomplishments* e *achievements*. Os *accomplishments*, como “entortar a barra de ferro”, “amassar o vestido” ou “distrair a Maria”, admitem a possibilidade de não se realizarem completamente, ao passo que certos *achievements*, como “matar o bandido”, “perder uma oportunidade”, “encontrar o relógio” ou “chegar a São Paulo”, são marcados pela inevitabilidade de sua conclusão. A esses últimos, Scher (2005) atribui a noção de completude irreversível de uma eventualidade como decorrente de um traço de telicidade intrínseca,<sup>7</sup> que está presente no *achievements*, mas não nos *accomplishments*. Assim, esse traço tornaria incompatível a ocorrência de verbos em construções com o verbo leve “dar”, conforme exemplificado em (85) e (86):

(85) \*O João deu uma matada no bandido.

(86) \*A Maria deu uma chegada a São Paulo.

Ressalta-se ainda que, para essa autora, nem todos os *achievements* apresentam essa restrição. Alguns eventos culminantes, como “abrir a porta”

---

7 Diferentemente de Scher (2005), outros autores, como Wachowicz (2008), Rothstein (2008) e Gomes (2022) defendem que a telicidade não pode ser codificada pela informação presente na raiz verbal, sendo, na verdade, uma informação que decorre da concatenação entre os itens presentes no sintagma verbal, como complementos e adjuntos, podendo incluir até mesmo o sujeito, tal como argumentado por Verkuyl (1993). Outros fatores relacionados a delimitação dos argumentos e a expressão de telicidade podem ser consultados em Oliveira e Leal (2015).

ou “imaginar a situação”, podem ocorrer em construções com “dar”, conforme ilustram os exemplos (87) e (88), extraídos de Scher (2005, p. 33):

(87) João deu uma abridinha na porta.

(88) João deu uma imaginada na situação.

Vale destacar que, no que tange à telicidade, além das restrições, verificam-se, na literatura, tendências de associação com certas estruturas linguísticas. Por exemplo, conforme argumentado por Lessa (2007), sentenças télicas tendem a associar-se com o valor aspectual gramatical de perfectividade e sentenças atélicas ao de imperfectividade. No entanto, tal tendência não se configura como uma impossibilidade de combinação entre sentenças télicas e a imperfectividade e sentenças atélicas e a perfectividade. Levando em consideração que o foco deste trabalho reside nas restrições, não se revisam tais tendências neste artigo.

## Considerações finais

Objetivou-se, com este artigo, sistematizar as restrições morfossintáticas impostas por traços aspectuais semânticos no âmbito do português brasileiro, com base em teorias aspectuais que articulam propriedades semânticas e comportamentos gramaticais. A partir de uma abordagem analítico-descritiva, fundamentada na revisão de literatura especializada e na análise de exemplos extraídos tanto de investigações clássicas quanto recentes, buscou-se elucidar os limites estruturais e interpretativos que regem a combinação desses verbos com determinados modificadores, operadores e contextos sintáticos.

Os achados discutidos evidenciam a importância de se considerar simultaneamente os traços semânticos e morfossintáticos na caracterização aspectual dos verbos. Espera-se que as reflexões propostas neste estudo possam servir de base para investigações posteriores que explorem outras classes aspectuais, além de fornecer parâmetros descritivos mais robustos

para a análise do comportamento dos verbos no português sob a perspectiva do aspecto semântico.

Por fim, é importante observar, que, embora algumas sentenças apresentadas ao longo deste artigo como agramaticais possam, eventualmente, ser consideradas como naturais por determinados falantes em contextos específicos, tais interpretações contextuais não se encontram registradas na literatura consultada. Sendo assim, faz-se necessário investigar tais restrições por meio de análise de *corpora* e elaboração de experimentos linguísticos que permitam avaliar a validade das restrições relatadas, bem como refinar a descrição dessas restrições na língua portuguesa.

De igual modo, é relevante ampliar o estudo das combinações morfossintáticas revisadas neste artigo em variedades do português faladas em outros países. Assim, será possível verificar quais das restrições apresentadas aqui configuram-se como comuns ao idioma e quais são dependentes de fatores de variação diatópica.

## Referências

BASSO, Renato Miguel. Uma proposta para a semântica dos adjuntos ‘em x tempo’ e ‘por x tempo’. **Alfa**, v. 55, n. 1, p. 113-134, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4170>. Acesso em: 4 de abril de 2023.

BASSO, Renato Miguel; ILARI, Rodolfo. Estativos e suas características. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S198463982004000100003>.

BASTOS, Ana Claudia P. Progressive Constructions in Brazilian Portuguese and English. **Revista Letras**, n. 63, p. 41-59, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v63i0.18556>.



BERTUCCI, Roberlei Alves. Questões semânticas sobre tempo e aspecto em português brasileiro. **Cadernos do Instituto de Letras**, n. 52, p. 65-89, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22456/2236-6385.67140>.

BERTUCCI, Roberlei Alves. **Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro**. São Paulo: FFLCH-USP, 2010.

BERTUCCI, Roberlei Alves; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. When the Progressive and Aspectual Classes Meet: the case of Brazilian Portuguese. In: MOLSING, Karina Veronica; IBAÑOS, Ana Maria Tramunt (Org.). **Time and TAME in Language**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2013. p. 124-156.

BERTUCCI, Roberlei Alves; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva; PARAGUASSU, Nize Rocha dos Santos. Bare plurals and achievements verbs: a case study of aspectual verbs. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 9, n. 1, p. 117-137, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5334/jpl.113>.

BITTENCOURT, Marco Túlio Orelli. **Uma análise da perífrase progressiva com verbos estativos no português brasileiro**. 2015. 73 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2015.

CANÇADO, Márcia. **Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional**. 1995. 220 f. Tese (Doutorado em Ciências). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

CARLSON, Gregory. Unified analysis of english bare plurals. **Linguistics and Philosophy**, v. 1, p. 413-456, 1977.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Introdução ao aspecto verbal na língua portuguesa**. São Paulo: Marília, 1968.

CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Tradução de Luiz Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective**. New York: Oxford University Press, 1999.

COMRIE, Bernard. **Tense**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1985.

COMRIE, Bernard. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CUNHA, Luis Felipe Alvão Serra Leite da. Reconsidering stative predications, their behaviour and characteristics. **Cadernos de Linguística**, n. 11, 2005. Disponível em: <https://cl.up.pt/conteudos/cadernos/cadernol1.pdf>. Acesso em: 4 de abril de 2023.

CUNHA, Luis Felipe Alvão Serra Leite da. **Semântica das predicções estativas: para uma caracterização aspectual dos estados**. 2004. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2004.

CUNHA, Luis Felipe Alvão Serra Leite da. **As Construções com Progressivo no Português: uma Abordagem Semântica**. 1998. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 1998.

DE MIGUEL, Elena Aparicio. El aspecto léxico. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta Barreto. (Org.). **Gramática Descriptiva de la lengua Española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 2977-3060.

DECLERCK, Renaat. Aspect and bounded/unbounded (telic/atelic) distinction. **Linguistics**, London, n. 17, p. 761-794, 1979. DOI: <https://doi.org/10.1515/ling.1979.17.9-10.761>.

DOWTY, David Roach. The Effects of Aspectual Class on the Temporal Structure of Discourse: Semantics or Pragmatics? **Linguistics and Philosophy**, v. 9, n. 1, p. 37-62, 1986.

DOWTY, David Roach. **Word meaning and montague semantics**: the semantics of verbs and times in generative semantics and in montague's PTQ. Dordrecht: D. Reidel Publishing Co, 1979.

GODOI, Elena. **Aspectos do aspecto**. 1992. 294 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

GOMES, Ana Paula Quadros; SÁNCHEZ-MENDES, Luciana. **Para conhecer**: Semântica. São Paulo: Contexto, 2018.

GOMES, Jean Carlos da Silva. **Considerações teóricas sobre a telicidade**: uma abordagem comparativa. *Linha D'Água*, v. 35, n. 2, p. 140-159, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v35i2p140-159>.

GOMES, Jean Carlos da Silva; MARTINS, Adriana Leitão. El “se” télico y la delimitación del complemento verbal en el español de Argentina y de Venezuela. **Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 2, p. 1-23, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n2.id183>.

GONÇALVES, Cláudio Corrêa e Castro. Estar-ndo as a Generic. **Revista Letras**, n. 63, p. 139- 153, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v63i0.18552>.

GUIMARÃES, Patricia Afonso Lima. **Verbos de estado e morfologia de progressivo**: um estudo comparativo entre o português do brasil e o inglês dos estados unidos da américa. 2017. 202 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

HORNSTEIN, Norbert. **As time goes by: tense and universal grammar**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

KRATZER, Angelika. Stage-level and individual-level predicates. In: CARLSON, Gregory; PELLETIER, Francis Jeffry (Org.). **The generic book**. Chicago: University of Chicago Press, 1995. p. 125-175.

LAMIROY, Béatrice. The complementation of aspectual verbs in french. **Language**. v. 63, n. 2, p. 278-298, 1987. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/415657>.

LAKOFF, George. Toward generative semantics. **Syntax and semantics**, v. 7, p. 43-61, 1965. Disponível em: <https://georgelakoff.files.wordpress.com/2014/06/toward-generativesemantics-in-syntax-and-semantics-vol-7-lakoff-1976.pdf>. Acesso em: 4 de abril de 2023.

LESSA, Adriana Tavares Maurício. A composicionalidade do aspecto em tempo passado no português do Brasil e no espanhol. In: 29ª JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, ARTÍSTICA E CULTURAL DA UFRJ. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

LOURENÇONI, Débora Cristina Paz Paz. **O traço de telicidade e suas realizações no português do Brasil e no espanhol do Chile**. 2014. 52 f. Monografia (Graduação em Letras Português – Espanhol) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MARTINS, Adriana Leitão. **Conhecimento linguístico de aspecto no português do Brasil**. 2006. 228 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARTINS, Adriana Leitão; GOMES, Jean Carlos da Silva; LOURENÇONI, Débora Cristina Paz Paz. **Telicidade e expressões adverbiais durativas no espanhol da Espanha: uma análise a partir do se télico**. Caderno de squibs: temas em estudos formais da linguagem, v. 3, n. 1, p. 1-15, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/20331>. Acesso em: 4 de abril de 2023.

MOENS, Marc. **Tense, Aspect and Temporal Reference**. 1987. 211 f. Tese (Doutorado). University of Edinburgh, 1987.

MOREIRA, Carla Barbosa. **Princípio de ligação Sintaxe/Semântica: Construções Estativas**. 2000. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

NASCIMENTO, Franciele da Silva; RECH, Núbia Ferreira. A natureza do complemento dos verbos aspectuais. **Domínios da Linguagem**, v. 9, n. 3, p. 202-221, 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL19-v9n3a2015-11>.

NESPOLI, Juliana Barros. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas**: um estudo comparativo. 2018. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

OLIVEIRA, Fátima. Tempo e aspecto. In: MIRA MATEUS, Maria Helena (Org.). **Gramática da Língua Portuguesa**. 5ª Edição. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. p. 127-178.

OLIVEIRA, Fátima; LEAL, António. Activities and culmination. In: SIMÕES, Alberto; BARREIRO, Anabela; SANTOS, Diana; SOUSA-SILVA, Rui; TAGNIN, Stella (Org.). **Linguística, Informática Tradução**: Mundos Que se Cruzam. Série Oslo Studies in Language, v. 7, n. 1, 2015. p. 457-470.

PIÑÓN, Christopher. Achievements in an Event Semantics. **Semantics and Linguistic Theory**, v. 7, p. 276-293, 1997. Disponível em: <http://pinon.sdf-eu.org/work/1775-3745-1-PB.pdf>. Acesso em: 28 de julho de 2025.

RAMCHAND, Gillian. **Verb Meaning and the Lexikon**: a First Phase Syntax. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

ROTHSTEIN, Susan Deborah. **Theoretical and crosslinguistic approaches to the semantics of aspect**. Amsterdam: Benjamins, 2008.

ROTHSTEIN, Susan Deborah. **Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

SANTIAGO, Giovana Paula. **A ambiguidade aspectual télico/atélico na perspectiva da teoria de eventos**. 2017. 208 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2017.

SCHER, Ana Paula. As categorias aspectuais e a formação de construções com o verbo *levar dar*. **Revista do GEL**, v. 2, p. 9-37, 2005. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/304>. Acesso em: 4 de abril de 2023.

SMITH, Carlota. **The parameter of aspect**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

VENDLER, Zeno. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell, 1967.

VERKUYL, Henk J. **A Theory of Aspectuality: the interaction between temporal and atemporal structure**. Cambridge: Cambridge Press. 1993.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. Telicidade e classes aspectuais. **Revista do GEL**, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2008. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/133>. Acesso em: 04 de Abril de 2023.